

Análise da categoria conteúdo-forma: a adaptação para HQ da obra “Senhora” de José de Alencar

Analysis of category “form and content”: the comic book adaptation of the work “Senhora” by José de Alencar

Análisis de la categoría contenido-forma: la adaptación a cómic de la obra “Señora” de José de Alencar

Gislaine Gomes Granado Sanches

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9602-487X>

Sandra Aparecida Pires Franco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7205-744X>

Resumo: A sociedade letrada contemporânea exige sujeitos leitores capazes de fazer uma análise crítica do real, que saibam se posicionar com decisões equilibradas e assertivas, sendo papel da escola formar leitores competentes. A leitura literária possui um rico conteúdo cultural que auxilia o aluno a refletir sobre as questões sociais. As categorias dialéticas ajudam na formação do saber e compreensão do mundo. Desse modo, o objetivo deste trabalho foi analisar a adaptação literária para História em Quadrinhos (HQ) da obra “Senhora”, de José de Alencar, com base na categoria dialética conteúdo-forma, a fim de compreender sua relevância para a formação de leitores críticos e reflexivos. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica com abordagem crítico-dialética. O resultado alcançado consiste na compreensão de que a relação conteúdo-forma contribui significativamente para o desenvolvimento da consciência, desperta o desejo pela leitura e, por conseguinte, ajuda na formação de leitores críticos e reflexivos.

Palavras-chave: educação; leitura literária; conteúdo-forma; formação de leitores.

Abstract: The contemporary literate society needs readers to be able to carry out a critical analysis of reality and to take a stand with balanced and assertive decisions. It is the school's role to train readers who are considered competent. Literary reading has an abounding cultural content that helps the student to reflect on social issues. Dialectical categories help in the construction of knowledge and understanding of the world. Therefore, this paper aims to analyze the comic book adaptation of the work “Senhora” by José de Alencar based on the category “form and content” to understand its contribution to the formation of critical and reflective readers. A Bibliographic research with a critical-dialectical approach was used as a methodology for the development of this paper. As a result, it is understood that the relation “form-content” contributes significantly to the development of awareness, awakens the desire for reading, and, consequently, helps in the formation of critical and reflective readers.

Keywords: education; literary reading; form-content; formation of readers.



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Resum: La sociedad letrada contemporánea exige sujetos lectores capaces de hacer un análisis crítico de la realidad, que sepan posicionarse con decisiones equilibradas y asertivas, siendo el papel de la escuela formar lectores competentes. La lectura literaria posee un rico contenido cultural que ayuda al alumno a reflexionar sobre las cuestiones sociales. Las categorías dialécticas ayudan en la formación del conocimiento y la comprensión del mundo. De este modo, el objetivo de este trabajo fue analizar la adaptación literaria al cómic (historieta) de la obra “Señora”, de José de Alencar, con base en la categoría dialéctica contenido-forma, a fin de comprender su relevancia para la formación de lectores críticos y reflexivos. Como metodología, se utilizó la investigación bibliográfica con un enfoque crítico-dialéctico. El resultado alcanzado consiste en la comprensión de que la relación contenido-forma contribuye significativamente al desarrollo de la conciencia, despierta el deseo por la lectura y, por consiguiente, ayuda en la formación de lectores críticos y reflexivos.

Palabras clave: educación; lectura literaria; contenido-forma; formación de lectores.

1 Introdução

À proporção em que a sociedade moderna avança, ocorrem constantes mudanças no modo de vida dos sujeitos impulsionadas pela tecnologia e pelo mercado de trabalho. O conhecimento torna-se a principal força de produção que move o mundo. Desse modo, cresce a necessidade constante do saber, tanto para a vida social quanto profissional.

A escola, enquanto espaço formador do sujeito, precisa estar sempre acompanhando o desenvolvimento da sociedade, atualizando-se. Esse cenário implica uma práxis pedagógica voltada à formação plena do aluno, promovendo práticas de ensino que estimulem a necessidade de aprender. O conteúdo escolar deve tratar sobre a vida, estabelecendo uma estreita relação com o mundo no qual estamos inseridos. Esse fato amarra-se à importância do ato de ler para a Educação.

A leitura tem função formadora e social, pois é uma fonte de saber. O ato de ler amplia o conhecimento do meio social, proporciona vivências diversificadas, permitindo ao leitor a atribuição de sentidos e significados. Nas obras de literatura, encontra-se um legado cultural rico e relevante para a educação escolar. Conforme Candido (2011, p. 179), “A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador [...]. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, organizar o mundo”.

Desta forma, prioriza-se a formação de leitores que valorizem narrativas ficcionais que contenham princípios humanizadores e incentivem uma análise crítica da sociedade. Por meio de experiências com narrativas que abordem temas complexos e diversos, o leitor pode desenvolver uma compreensão mais profunda da realidade. Portanto, as histórias literárias são recursos essenciais para mediar o fazer pedagógico, possibilitando o desenvolvimento de sujeitos conscientes capazes de agirem de forma mais assertiva.

É importante ressaltar que a obra em análise neste trabalho se trata de uma adaptação da literatura para História em Quadrinhos (HQ). Esse gênero textual possui características diferentes das obras literárias que geralmente se concentram nos textos escritos. A HQ transcende os limites do livro convencional por empregar tanto a linguagem verbal quanto não verbal, fazendo uso de cores e formas atrativas que capturam a atenção do leitor e acrescentam sentido à narrativa. Essa combinação de elementos imagético e semiótico em quadros sequenciais confere singularidade às HQs.

Oliveira (2018) analisou a relação entre literatura e histórias em quadrinhos e destaca que a adaptação dos clássicos literários é um dos principais modos de interação entre essas formas artísticas. A autora também defende a ideia de que

[...] não é apenas por essa via que o diálogo entre ambas as artes pode ocorrer. Além das tradicionais adaptações cuja gradação vai desde narrativas mais próximas ao original até aquelas que apresentam novas formas de reconstrução da obra-base, também temos os diálogos intertextuais, incluindo-se, nesse último, citações, alusões, paródias, sátiras além de outras formas de intersecções (Oliveira, 2018, p. 183).

Nesse sentido, as obras literárias e as HQs compartilham o objetivo de narrar histórias, cada uma seguindo uma abordagem distinta. Por essa razão, entendemos que o trabalho em sala de aula com o uso das adaptações dos clássicos literários para as HQs pode servir como ponto de partida para provocar a necessidade de leitura, de buscar conhecer a obra original, contribuindo para a formação do leitor.

Isso posto, o objetivo deste trabalho foi analisar a adaptação literária da obra “Senhora”, de José de Alencar, para HQ com base na categoria dialética conteúdo-forma, a fim de compreender sua relevância na formação de leitores. A escolha do título deve-se ao renome do autor, considerado um dos maiores expoentes do Romantismo Brasileiro, movimento literário marcado pela busca de uma identidade cultural nacional, bem como pela reflexão das contradições sociais. Dada a importância da obra, é leitura obrigatória em alguns vestibulares do país. Quanto à metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica com uma abordagem crítico-dialética.

Na contemporaneidade, alguns fatos ocorridos na sociedade contribuem para a necessidade de debates e reflexões sobre variados temas, como: relacionamento entre homens e mulheres, desvalorização da mulher e a busca feminina por direitos, reconhecimento e empoderamento. A adaptação para HQ de “Senhora” auxilia no desenvolvimento de tais temas e de outros que envolvem a vida, pois é um romance moderno. Apesar de a obra ter sido escrita há quase dois séculos, carrega potencial para colaborar com a reflexão sobre a sociedade atual, a qual ainda carrega discriminação contra a mulher.

2 Leitura Literária e a Formação do Ser Social

A prática de leitura literária na Educação Básica desempenha um papel primordial, especialmente quando se trata do Ensino Médio, pois é nesse período que os alunos estão em um estágio de maior desenvolvimento intelectual, moral e social. O ato de ler estimula a imaginação, a criação, a aptidão para escrever, desenvolve a capacidade cognitiva e a formação do senso reflexivo. A literatura proporciona prazer e emoção, pois possui potencial para agir na mente do leitor, transformando sua consciência em crítica (Coelho, 2000).

O aluno, nesse período escolar, está passando por mudanças em seu desenvolvimento físico e psíquico. É o momento em que ele precisa compreender a si mesmo e a sociedade em sua volta, formar valores, moldar sua personalidade para tornar-se um cidadão ético e consciente de seu papel social. O ato de ler pode favorecer o entendimento de variados contextos culturais, sociais e a realidade vigente ampliando seu conhecimento de mundo.

A leitura é uma prática cultural com encargo de comunicação, interação e interlocução. O ato de ler comunica porque a linguagem escrita é constituída de enunciados formados por signos, os quais têm o objetivo de transmitir, informar e exprimir os significados culturais. Na leitura há a interação, pois nessa ação o sujeito utiliza seus conhecimentos prévios para fazer relações com os novos conhecimentos inseridos no enunciado. Dessa maneira, ocorre uma interlocução entre leitor, texto e autor e, por fim, a compreensão (Silva; Silva, 2019).

Um texto é permeado pela linguagem oral, a realidade e os objetos representados pelos signos linguísticos (Silva; Silva, 2019). A leitura propicia conhecer os significados culturais de qualquer época descritos nos signos. Na escrita de um texto, o autor deixa uma mensagem ao leitor, pois sua intenção é compartilhar, comunicar um conhecimento. Cabe ao leitor interpretar e compreender o significado atribuindo sentido ao que lê. No ato de ler, o sujeito apropria-se das objetivações da cultura, internaliza os significados culturais que formam sua personalidade, ou seja, seu ser social.

Compreender que o ato de ler não é natural ao homem, como apontado por Silva e Silva (2019), destaca a importância de incentivar e mediar a leitura entre os alunos, para que eles se sintam motivados. Diante dessa perspectiva, e entendendo que cada aluno traz consigo seus conhecimentos adquiridos fora da unidade escolar e, portanto, tem sua singularidade e necessidade leitora, é fundamental que a escola tenha um repertório literário vasto com textos diversos que contemplem significados culturais expressivos, os quais possam proporcionar a humanização dos alunos.

Dessa forma, a leitura da adaptação para HQ de “Senhora” pode contribuir para a formação de leitores. Por meio da representação das personagens, o leitor tem a oportu-

nidade de se identificar com suas experiências e, assim, refletir sobre o próprio papel que ocupa na sociedade. Além disso, a narrativa aborda, de forma perspicaz, o papel da mulher e do dinheiro nos casamentos da época, temas que podem ser transportados para os dias atuais e provocar um debate crítico em sala de aula sobre sua relevância nas relações sociais contemporâneas, tendo o professor como mediador.

Saviani (2012) defende que é preciso assegurar aos alunos uma “pedagogia concreta”. Essa “considera que os educandos, enquanto indivíduos concretos, se manifestam como unidade da diversidade, ‘uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas’, síntese de relações sociais.” (Saviani, 2012, p. 11). Em outras palavras, deve-se pensar o aluno enquanto um ser singular e particular, o qual tem necessidades próprias e é formado por suas vivências individuais. Ele está inserido em uma sociedade já constituída, a qual precisa compreender para adequar-se a ela. Nessa pedagogia, segundo o autor, a abordagem metodológica do Materialismo Histórico e Dialético se caracteriza como uma teoria sólida para um processo de ensino e aprendizado que possibilite o desvelamento da realidade social.

Em conformidade com Leontiev (2004), um dos precursores da Teoria Histórico-Cultural, a sociedade foi organizada pelo trabalho e pelo desenvolvimento da linguagem. Nas relações sociais de produção material e imaterial da vida, o homem formou as bases da sociedade. Nela, constitui-se a consciência social e coletiva. Assim sendo, de acordo com Marx e Engels (1982), cada sujeito forma sua consciência a partir de suas condições materiais e econômicas, dos costumes, ideias e valores da sociedade da qual participa.

Para Marx (1978), o processo de conhecimento decorre no pensamento. O ponto de partida do conhecimento “[...] parte do concreto (real, dado), passa pelo abstrato (conceitos, categorias, relações gerais, determinações) e retorna ao concreto no pensamento (uma rica totalidade de determinações e relações diversas)” (Gamboa, 1998, p. 28). Por outra forma, a compreensão da realidade se dá pela análise do modo de vida dos homens, das múltiplas determinações presentes no real, partindo do é simples até o complexo, da aparência das coisas à sua essência.

Nessa lógica, entende-se que a compreensão do que é essencial não se encontra implícita, ao ponto de ser percebida de imediato, mas é preciso buscá-la. Para isso, no processo de conhecimento, por meio do movimento dialético, o pensamento realiza a análise e síntese, busca a desintegração do todo através do conceito de abstração para alcançar, no resultado, o que é mais importante no objeto/fenômeno.

Partindo dessa concepção, Miller e Arena (2011) defendem que o sujeito percebe o mundo ao internalizar os significados culturais historicamente criados por seus antecessores. Para os autores, tais significados constituem a representação, na consciência do homem, da realidade objetiva. O aprendizado do modo de uso, ações e operações, conceitos,

valores dos bens culturais materiais e não materiais produzidos socialmente fica guardado na mente do sujeito para ser reproduzido quando necessário, “objetivando o desenvolvimento de suas capacidades, habilidades, aptidões, atitudes e valores imprescindíveis ao seu processo de humanização” (Miller; Arena, 2011, p. 343).

Com base nesses apontamentos, entende-se a Educação como elemento determinante nos processos de constituição e progresso da sociedade com o propósito de desenvolver uma cultura com menos desigualdades e injustiças sociais, sejam elas econômicas, religiosas, de raça ou de gênero. Nesse sentido, para que a escola possa cumprir sua função de socialização do saber provocando uma possível mudança na estruturação de uma consciência social coletiva mais justa é relevante uma práxis pedagógica sistematizada e planejada intencionalmente.

Com o foco nessa práxis educativa intencional, supomos que o trabalho escolar com o uso da leitura, especialmente a literária, a qual reproduz vivências da sociedade em diferentes períodos da vida humana, favorece ao aluno ter conhecimento delas, fazer uma análise dialética, contrapondo o tempo passado com o atual, levando em consideração as mudanças ocorridas com o intuito de compreender o homem enquanto ser histórico e agente transformador do mundo. Esta análise não busca julgar o passado, mas desenvolver a capacidade de reflexão crítica e servir como instrumento de conscientização.

Na busca pela compreensão da realidade, o aluno necessita da mediação do professor, ajudando-o a pensar sobre a estrutura da sociedade, suas questões sociais, políticas e culturais. Ele precisa ter uma base sólida de educação escolar em conjunto com suas experiências pessoais, a fim de que, no desenvolvimento de sua consciência, de seu ser social, se forme um cidadão que compreenda a sua importância no meio em que vive e que tenha sensibilidade social.

À vista disso, nota-se que, a partir das múltiplas determinações das quais o sujeito participa, ele adquire novos conhecimentos da cultura que formam sua individualidade e subjetividade. Esses novos conhecimentos, algumas vezes, podem ser concebidos de forma sincrética, caótica (Saviani, 2015), permanecendo confusos para os alunos. O professor, no papel de adulto com mais experiência em relação à realidade, carece proporcionar atividades de estudos que organizem esse todo caótico, mediando interações e diálogos que tragam possibilidades ao aluno de, por meio da análise, chegar à essência das coisas e, posteriormente, alcançar a síntese (Marx, 1978), ou seja, a formação do concreto pensado (Gamboa, 1998).

Ainda conforme Miller e Arena (2011, 344), “é pela atividade do sujeito em seu meio social que se constituem os significados cujo portador é a linguagem”. Isto é, para a internalização dos saberes culturais, o sujeito precisa participar ativamente das formas de experiências sociais, as quais ocorrem por meio da linguagem, comunicação, interação e

realização de uma atividade (ação). Essa, por sua vez, necessita ser impulsionada por um motivo que leve o aluno a sentir necessidade de realizá-la. Assim sendo, percebe-se que, na sala de aula, é fundamental o relacionamento interpessoal entre os alunos e o professor para a formação de sujeitos crítico-reflexivos, ou seja, indivíduos concretos (Saviani, 2012).

Nessa perspectiva, evidencia-se a relevância da prática de leitura acrescida do diálogo, do debate, meio pelo qual o aluno tem a oportunidade de expressar suas opiniões, ouvir os colegas, trocar conhecimentos e refletir. Essa prática em sala de aula viabiliza a análise do meio social e, por conseguinte, a compreensão da sociedade, do outro e de si próprio.

Seguindo esses apontamentos, entendemos que a narrativa de “Senhora” oferece um rico contexto social, econômico e político que pode servir como ponto de partida para reflexões em sala de aula. Seu enredo transporta o imaginário do leitor para o cenário da sociedade do Rio de Janeiro do século XIX por meio de um retrato detalhado das singularidades daquela época. O autor apresenta minuciosas descrições dos costumes e hábitos da rotina familiar, assim como dos objetos ali presentes, tanto dos lares da classe social abastada quanto dos lares mais modestos.

Sabemos que o aluno só atribui sentido ao texto que condiz com seus motivos e necessidades de conhecimento. Por essa razão, carece ao professor estar atento aos interesses dos alunos e ao contexto atual, apresentando obras que levantem questionamentos sobre a realidade.

Em relação à vasta diversidade de obras produzidas, abordando uma ampla gama de temas e conteúdos, a organização do trabalho pedagógico torna-se mais desafiadora. É nesse contexto que Saviani (2011) propõe a valorização do saber acumulado historicamente, científico, que não se aprende no cotidiano, ao qual ele se refere como “clássico”. Nas palavras do autor,

O clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial. Pode, pois, constituir-se num critério útil para a seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico (Saviani, 2011, p. 13).

Mais adiante, o autor complementa:

[...] clássico é aquilo que resistiu ao tempo, logo sua validade extrapola o momento em que ele foi proposto. É por isso que a cultura greco-romana é considerada clássica; embora tenha sido produzida na Antiguidade, mantém-se válida, mesmo para as épocas posteriores. De fato, ainda hoje reconhecemos e valorizamos elementos que foram elaborados naquela época. É nesse sentido que se considera Descartes um clássico da filosofia moderna. Aqui o clássico não se identifica com o antigo, porque um moderno é também considerado um clássico. Dostoiévski, por exemplo - segundo a periodização dos manuais de história, um autor contemporâneo -, é tido como um

clássico da literatura universal. Da mesma forma, diz-se que Machado de Assis é um clássico da literatura brasileira, apesar de o Brasil ser mais recente até mesmo que a Idade Média, quanto mais que a Antiguidade [...] (Saviani, 2011, p. 87).

Dessa forma, o autor explica que os conteúdos escolares clássicos são aqueles que trazem contribuições para o desenvolvimento do aluno, não importando sua data de elaboração, mas seu conteúdo, forma, criatividade e originalidade, que tenha um valor ímpar, enriquecedor ao contemplar temas que ultrapassem as épocas.

Gama e Duarte (2017, p. 523) alegam que os conteúdos clássicos contemplam a universalidade humana, pois “[...] possibilitam a relação entre os seres humanos e a totalidade da cultura, servindo de referência para que as novas gerações se apropriem do que foi produzido ao longo da história social”. À vista disso, exemplos de clássico são as obras de literatura. Elas são criadas com o intuito de produzir prazer, ao mesmo tempo que informam e ensinam. A literatura é fundamental ao acesso e apropriação das objetivações culturais e, por conseguinte, a ampliação dos conhecimentos produzidos pela humanidade. O ato de ler literatura relaciona-se com o conhecimento da realidade do aluno, meio pelo qual ele pode ressignificar a forma de pensamento própria do senso comum.

Para Calvino (1993, p. 11), “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”. Assim, entendemos que, por sua riqueza de conteúdos universais e atemporais, as obras clássicas levam o leitor a confrontar ideias antigas e atuais, atribuindo um novo sentido à realidade objetiva da qual faz parte. As histórias mexem na consciência do leitor, logo, são instrumentos positivos para a análise do real. De acordo com Silva e Silva,

[...] a leitura literária é uma produção propriamente humana, a qual é considerada, antes de tudo, uma manifestação artística que se expressa por meio das palavras. A arte é um reflexo da cultura e história da humanidade, pois representa a vida, a sociedade, o homem, as ações do cotidiano, entre tanto mais (Silva; Silva, 2019, p. 97).

Os textos literários reproduzem histórias de ficção com base nas experiências de vida dos homens. As histórias podem ter alguma semelhança com as vivências do leitor e, por esse motivo, ele entende o significado do enunciado, atribuindo-lhe sentido. Consoante com Coelho (2000, p. 27), “conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. [...] é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta)”. Esse conhecimento torna-se possível no ato de ler, pois cada enunciado escrito deixa registrado seu contexto cultural de produção, sua história.

Retomando Calvino (1993, p. 11), “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Isto é, os clássicos da literatura reproduzem a cultura de um período da história, tratam de questões sociais, culturais, políticas etc. Seu conteúdo não é afetado com o passar do tempo, portanto pode ser lido e estudado por várias gerações.

Nesse sentido, trabalhar com a HQ de “Senhora” não só oferece uma oportunidade de apreciar a obra, mas também proporciona saberes sobre a sociedade, a cultura e história, ao mesmo tempo em que desenvolve a análise crítica. Além disso, a obra oferece outra importante contribuição por meio da linguagem, permitindo ao aluno perceber as transformações pelas quais a Língua Portuguesa passou no Brasil, ampliando, assim, seu conhecimento e vocabulário (Alencar, 2019). No ato de ler, o aluno realiza o movimento dialético de formação do pensamento, interagindo ativamente com o texto, com o autor. Surge um diálogo entre locutor e interlocutor, no qual ocorre uma troca de conhecimentos, ideias, valores, conceitos e cultura (Silva; Silva, 2019).

Nessa circunstância, o aluno precisa agir, elaborar uma ação reflexiva, interpretar o enunciado para não ser apenas um repetidor do pensamento alheio, mas formar seu próprio pensamento. O aluno pode aderir às ideias do autor, opor-se ou atribuir uma significação nova às suas, desenvolvendo sua consciência e subjetividade. Essa apropriação do saber amplia o pensamento criativo e lógico, promove a formação pessoal e social, logo, o sujeito se humaniza.

3 “Senhora”: autor, obra e contexto de produção

Antes de adentrar nos detalhes específicos da obra em análise, é importante abordar alguns elementos sobre o autor. José Martiniano de Alencar nasceu no Ceará e faleceu no Rio de Janeiro (1829-1877), destacando-se como um dos maiores romancistas da literatura no Brasil. Em vista disso, é reconhecido como Patriarca da literatura brasileira. José de Alencar é o patrono da cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de Machado de Assis. Além de escritor literário, atuou como advogado, político, orador, teatrólogo e jornalista. Esse último lhe concedeu notoriedade ao publicar críticas sobre o “poema épico de Domingos Gonçalves de Magalhães, favorito do Imperador e considerado então o chefe da literatura brasileira” (Academia Brasileira de Letras, [2021]).

Alencar iniciou a carreira literária no Correio Mercantil e no Diário do Rio de Janeiro. Em 1846, fundou a revista *Ensaio Literários*. Foi o pioneiro na escrita de romances de temática nacional. Suas obras estão classificadas no movimento literário brasileiro como pertencentes à primeira fase do Romantismo, porém, ao expor críticas à sociedade e aos costumes de seu tempo, também são consideradas da fase do Realismo (Mysczak, 2018).

Sua primeira obra de literatura foi *Cinco minutos* (1856), mas foi “O Guarani” (1857), publicado em folhetins e estreado a fase indianista de suas obras, que lhe deu maior popularidade. Machado de Assis tinha apreço pelas obras de José de Alencar, por isso elogiou grandemente a obra “Iracema” (1865) (Academia Brasileira de Letras, [2021]).

No total, o autor escreveu 34 obras, dentre as quais estão romances urbanos históricos e/ou indianistas e regionalistas, novelas, ensaios e peças teatrais. Suas obras perpassam os séculos por apresentarem conteúdos da história e da cultura brasileira. Por essa razão, são, por diversas vezes, consideradas obras obrigatórias em vestibulares do país.

Em relação à obra literária *Senhora*, essa foi escrita e publicada em folhetins, no ano de 1875. Essa literatura faz parte da “fase urbana do escritor, [...] e pertence à trilogia intitulada pelos estudiosos como Perfil de Mulher (Senhora, Lucíola e Diva), demonstrando sua preocupação social com o papel da mulher de sua época.” (Myszczak, 2018, p. 10). No romance, o escritor faz uma crítica ao contexto social do Brasil Império (1822-1889). Esse período histórico foi marcado pelo autoritarismo patriarcal, desvalorização e submissão das mulheres, sobretudo em relação ao matrimônio, já que a prática do pagamento do dote de casamento ainda persistia. Em “Senhora”, José de Alencar não apenas expõe, mas também critica essa tradição de casamentos arranjados influenciados pelo aspecto financeiro.

Naquele tempo, ser mulher significava, em sua grande maioria, estar privada dos direitos de cidadania. O papel social atribuído às mulheres era de submissão, passividade, sem direitos políticos, como o voto e tampouco tinham direito à posse de propriedade. Mulheres pobres, escravas ou livres viviam em situação de inferioridade e violência. Um número reduzido de mulheres conseguiu destacar-se na vida social e política (Konkel; Cardoso; Hoff, 2005).

Dessa maneira, o autor trouxe visibilidade à mulher brasileira com a protagonista da obra, “[...] uma personagem praticamente idealizada, ou seja, que vai ao encontro dos ideais do movimento romântico que buscava a perfeição feminina sob todos os pontos de vista” (Alencar, 2019, p. 8). A personagem principal emerge como um símbolo da mulher moderna que não se submete às imposições dos homens, contudo, essa autonomia só se torna possível após sua ascensão financeira. Logo, o autor retrata, na obra, o poder do dinheiro e seu impacto nas relações sociais.

A leitura dessa obra clássica ajuda o aluno a compreender, de maneira prazerosa, sem deixar de ser acadêmica, o contexto cultural, político e social do momento da sua escrita e publicação. Naquela época, a sociedade possuía ideias, costumes e valores diferentes dos atuais. Na construção da história, o autor projeta sua crítica à contradição no seio da família patriarcal, da escravidão e da ideologia burguesa. Assim, a obra reflete a complexidade da sociedade da época, questionando as estruturas de poder. Entretanto, a leitura dessa literatura pode, a princípio, causar estranhamento no leitor, uma vez que sua narrati-

va erudita pode apresentar dificuldades de compreensão. Portanto, iniciar o conhecimento de um clássico por meio de adaptações em HQs se mostra um recurso válido.

4 “Senhora”: conteúdo e forma

Como já explanado, o desenvolvimento do conhecimento ocorre no pensamento. O processo de busca de conhecimento é uma ação complexa; desse modo, as categorias dialéticas têm função metodológica, as quais ajudam na formação do saber, pois é no decorrer das transformações históricas que elas são formadas e evoluem. As categorias dialéticas refletem os fenômenos e processos do mundo na consciência do homem (Franco; Giroto, 2017; Gamboa, 1998).

As categorias dialéticas representam a realidade no pensamento, pois são generalizações objetivas da cultura. Fazem parte das categorias o todo-partes; abstrato-concreto; fenômeno-essência; causa-efeito; análise-síntese; conteúdo-forma, entre outras (Franco; Giroto, 2017; Gamboa, 1998). Porém, para a análise deste trabalho, optamos apenas pela categoria conteúdo-forma.

Dias *et al.* (2017, p. 2101), com base em Gamboa, explicam que as categorias dialéticas “buscam compreender o mundo e suas relações, de modo a revelar as leis do movimento das objetivações, bem como dos processos, tanto da natureza quanto do pensamento”. Portanto, as categorias dialéticas se constituem em instrumentos relevantes na busca pelo desvelamento da realidade e, por conseguinte, da formação do conhecimento, uma vez que, por meio delas, pode-se desmembrar o todo em unidades diversas, analisando e abstraindo suas partes constitutivas separadas. Como resultado desse movimento dialético, chega-se ao saber mais complexo (Marx, 1978).

Na categoria dialética conteúdo-forma, observamos uma unidade na diversidade, em que cada elemento constituinte é parte integrante de um todo coeso. Em alguns momentos, a separação entre conteúdo-forma se torna praticamente impossível. Desagregar o todo em suas partes é uma escolha didática que visa possibilitar uma análise mais profunda e clara dos elementos que o compõem.

Nessa lógica, julga-se que a compreensão de uma narrativa se dá pela análise de suas partes (palavras, frases, fragmentos) que formam o todo (o texto) (Franco; Giroto, 2017; Gamboa, 1998). Nesse movimento dialético, é possível analisar as múltiplas determinações presentes na obra. Abre-se um leque de descobertas que estão nas entrelinhas do texto, no seu contexto de produção e nas mensagens implícitas. Entretanto, é importante ressaltar que essa análise das partes não se resume ao estudo da Gramática, mas envolve a capacidade de compreender os significados do texto, atribuir sentido, estimular a reflexão e aprimorar o pensamento crítico.

A linguagem escrita é uma atividade que permite ao sujeito transcender limitações temporais, expandindo suas mensagens muito além de seu contexto imediato. No texto, o autor apresenta seu conhecimento de mundo, suas experiências de vida, ideias, concepções, valores, os quais são únicos e pessoais. Essas vivências podem ser diferentes das do leitor, mas, durante o ato de ler, ele é capaz de construir sentidos e significados para entender aquela realidade como se estivesse vivendo-a também. Dessa forma, a leitura permite que leitores e autores compartilhem e compreendam diferentes perspectivas e identidades culturais (Silva; Silva, 2019).

Trabalhar a categoria dialética conteúdo-forma na educação promove uma compreensão mais aprofundada do material estudado. O aluno aprende a apreciar e avaliar a qualidade estética das obras, seja na literatura ou em outra arte. Além disso, aprende a analisar e questionar a mensagem transmitida, afetando diretamente na sua compreensão.

De acordo com Franco e Giroto (2017, p. 1975), “[o texto] é uma forma concreta que expressa um conteúdo abstrato”. Em outras palavras, a forma de uma obra é o suporte físico ou virtual que serve de base para o conteúdo, sendo essa a representação simbólica de uma realidade ou ficção. As HQs, de maneira geral, apresentam uma unidade intrínseca entre conteúdo-forma.

A forma representa a maneira como a história é visualmente apresentada. Isso inclui o *layout* das páginas, o *designer* dos papéis, o uso de cores, a mancha gráfica, entre outros elementos visuais. A forma pode ser constituída por livros impressos, audiolivros, vídeos, filmes, *e-books*. “[...] a forma é um elemento concreto, pois se pode ouvir, ler e ver. Trata-se do elemento que fixa o conteúdo e o transmite” (Franco; Giroto, 2017, p. 1975).

O romance “Senhora” foi adaptado para forma de HQ no ano de 2019, organizado por Franco de Rosa e ilustrado por Arthur Garcia. A arte-final ficou por conta de Wanderley Felipe e as cores por Neusa de Carvalho. A HQ pertence à coleção *Clássicos em quadrinhos*, da marca *Principis*, da editora Ciranda Cultural. Essa coleção envolve obras clássicas de nomes renomados da literatura nacional e internacional. Entre elas, além de “Senhora”, de José de Alencar, estão: “Memórias póstumas de Brás Cubas” e “Dom Casmurro”, de Machado de Assis; “Sonho de uma noite de verão” e “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare e “O cortiço”, de Aluísio Azevedo.

A forma da HQ “Senhora” é apresentada em uma encadernação em papel brochura, que se destaca por seu acabamento de boa qualidade. A HQ apresenta uma textura de papel liso e suave, proporcionando uma experiência tátil agradável ao leitor. Esse tipo de papel é uma atualização em relação às HQs mais antigas, que frequentemente eram impressas em papel áspero e podiam apresentar cores em tons pastéis.

Na adaptação da narrativa original para a HQ, a forma do texto é estruturada por meio de retângulos de cor amarela, com fonte negra em estilo *Itálico*. Esse recurso situa o

leitor no tempo e espaço, indicando os fatos. Para distinguir a voz do narrador onisciente entre as falas das personagens, essas são apresentadas em balões brancos, utilizando uma fonte negra semelhante ao estilo Arial. Esse recurso de diferenciação facilita a compreensão das vozes dentro da narrativa visual.

Em uma mesma página, visualizam-se vários quadrinhos da narrativa. Suas formas se alternam em grandes e pequenas, às vezes lado a lado ou sobrepostas, na horizontal ou vertical. De acordo com Ascênio *et al.* (2021, p. 49), “[...] nas HQs, a passagem de um quadrinho para o outro indica a evolução de uma ação, a alteração do cenário ou evolução do tempo da ação.”

As ilustrações em uma HQ contribuem tanto para a forma quanto para o conteúdo. Elas ajudam a contar o conteúdo da história visualmente, representando os personagens, o tempo, o cenário. Também contribuem para a forma da HQ, determinando o estilo artístico da obra, incluindo o traçado do desenho, as cores, a composição das cenas. As ilustrações têm um valor maior quando não se limitam apenas a representar a narrativa textual, mas também a complementam, trazendo novos elementos para se pensar a história. Quando as ilustrações transcendem sua função básica descritiva, adicionando camadas visuais à narrativa, elas podem enriquecer a história e trazer novos sentidos.

Na adaptação para HQ de “Senhora”, as formas das ilustrações são atraentes e convidativas para a leitura. A tonalidade das ilustrações abrange uma paleta de cores quentes e frias, remetendo, assim, ao conteúdo da obra — amor e conflito social. O desenho das expressões faciais representa com maestria os sentimentos e emoções das personagens, possibilitando ao leitor ter maior apreensão dos conflitos internos delas. As escolhas visuais exercem notoriedade, pois, por meio delas, consegue-se passar um “tom emotivo-valorativo mais intenso aos enunciados, [...]”. O uso das cores é um traço estilístico marcante na HQ, utilizadas para criar uma atmosfera mais intensa, algo que, por vezes, não é possível se fazer apenas com a linguagem verbal [...]” (Ascênio *et al.*, 2021, p. 33). Na dialética conteúdo-forma, enquanto o texto verbal nos conta o conteúdo da história, as ilustrações nos remetem ao imaginário, o qual podemos fundi-lo com o real (Silva; Silva, 2019).

No que diz respeito à categoria conteúdo, esse é manifesto em enunciados escritos ou imagéticos que compõem o texto com o objetivo de transmitir a narrativa. O conteúdo é a história, o tema, o argumento, o assunto, o conhecimento, ou o conjunto de ideias que formam o texto. Segundo Franco e Girotto (2017, p. 1975), “o conteúdo fixado é carregado pela forma. É uma realidade imaterial, enquanto que a forma é a materialidade”. Como dito anteriormente, a linguagem possibilita a inserção do sujeito no mundo. O texto é uma forma de linguagem escrita que tem a mesma intencionalidade.

Quanto ao conteúdo da narrativa da adaptação de “Senhora” para HQ, a linguagem mantém o vocabulário original. O leitor consegue perceber a diferença linguística dos dias

atuais ao da publicação da obra. A leitura da HQ coloca o aluno em contato com um vocabulário que não faz parte do seu cotidiano, ampliando seu saber linguístico, o que favorece a capacidade de compreender textos escritos dos mais variados gêneros. Desse modo, é um importante instrumento histórico e de aprendizagem.

Acerca do conteúdo do enredo da narrativa, esse é centrado em torno da protagonista Aurélia Camargo, dona de uma beleza estonteante. Enquanto pobre e subordinada à mãe, era obediente, passiva e amorosa. Foi rejeitada ao matrimônio pelo namorado Fernando Seixas, por pertencer à camada pobre da sociedade. Porém, ocorre uma transformação radical em sua condição social e econômica. Após ficar órfã, recebe uma grande herança, o que permite sua participação na alta sociedade. Torna-se, assim, independente e emancipada. Aurélia, percebendo-se dona de si, busca libertar-se dos costumes sociais que limitavam a participação da mulher nos acontecimentos da sociedade. Sua nova condição econômica elevou seu *status* social, garantindo-lhe direitos e condições negados às mulheres pobres, além de lhe permitir ser “senhora” de suas ações, como sugere o título da obra.

O conteúdo histórico-social em que a história é narrada representa o contexto social da cidade do Rio de Janeiro, na época capital do Brasil. O Segundo Império brasileiro, como esse período é denominado, foi um tempo na história do país de grandes transformações políticas e econômicas. O Brasil se abria ao capital e às transformações industriais. Além disso, sofria pressão da Inglaterra para pôr fim à escravidão (Konkel; Cardoso; Hoff, 2005). José de Alencar critica a prática de compra e venda de escravos na obra ao fazer uma analogia entre Aurélia e Seixas, cuja união é arranjada por meio de um casamento contratado pelo dote. Por essa razão, o romance é dividido em quatro partes: O preço; Quitação; Posse e Resgate.

Aurélia, quando ainda era pobre, foi deixada por seu namorado em troca de outra mulher, cujo pai ofereceu-lhe um dote vantajoso que garantiria seu futuro permeado de luxos e regalias. Posteriormente, na condição de burguesa, Aurélia busca dar-lhe o troco. Seixas foi avaliado, escolhido, negociado e comprado pela protagonista por um valor em dinheiro do mesmo modo que ocorria em relação aos escravos. O rapaz tornou-se um objeto e propriedade de Aurélia, um escravo branco.

— Então enganei-me? exclamou a moça com estranho arrebatamento. O senhor ama-me sinceramente e não se casou comigo por interesse? Seixas demorou um instante o olhar no semblante da moça, que estava suspensa de seus lábios, para beber-lhe as palavras: — Não, senhora, não enganou-se; disse afinal com o mesmo tom frio e inflexível. Vendi-me; pertencço-lhe. A senhora teve o mau gosto de comprar um marido aviltado; ei-lo como o desejou. Podia ter feito de um caráter, talvez gasto pela educação, um homem de bem que se enobrecesse com sua afeição; preferiu um escravo branco; estava em seu direito, pagava com seu dinheiro, e pagava ge-

nerosamente. Esse escravo aqui o tem; é seu marido, porém nada mais do que seu marido! (Alencar, 2019, p. 135).

O dote era um valor monetário oferecido ao noivo pelo pai da noiva na ocasião do casamento. Supõe-se que o casamento dos protagonistas foi firmado por um contrato de compra e venda e não pelo dote, pois Aurélia, por meio de seu tio, obrigou Seixas a assinar um documento na garantia de que honrasse com sua palavra de se casar com ela. Assim, Aurélia tornou-se “senhora” de Seixas. Desse modo, nota-se a crítica que o autor faz em relação ao dote. Em uma sociedade marcada pelo discurso patriarcal, essa condição imposta ao rapaz era inadmissível, uma vez que se esperava que a mulher fosse subordinada ao homem e não o contrário.

O clímax da obra ocorre na noite de núpcias. Aurélia, revoltada pelo abandono que sofrera, revela ao rapaz sua intenção ao casar-se com ele: vingança.

[...] Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido. – Vendido! Exclamou Seixas ferido dentro d'alma. – Vendido sim: não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento (Alencar, 2019, p. 88).

Na fala citada: “precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas”, nota-se que uma mulher sem marido não era bem-vista pela sociedade. Elas precisavam da autorização do homem (pai, marido ou irmão) até mesmo para sair de casa, ir à igreja e sempre deviam estar acompanhadas (Konkel; Cardoso; Hoff, 2005).

Entretanto, mesmo que tentasse disfarçar, Aurélia lutava com seus sentimentos para resistir ao amor que sentia por Seixas. Suas falas eram sarcásticas e tentavam esconder a intenção verdadeira: o que ela desejava, realmente, era um pedido de perdão.

— Quer saber minha opinião? Isto que o senhor chama escravidão, não passa da violência que o forte exerce sobre o fraco; e nesse ponto todos somos mais ou menos escravos, da lei, da opinião, das conveniências, dos prejuízos; uns de sua pobreza, e outros de sua riqueza. Escravos verdadeiros, só conheço um tirano que os faz, é o amor; e este não foi a mim que o cativou (Alencar, 2019, p. 219).

No conteúdo da narrativa, o autor deixa registrado mais um acontecimento da história brasileira, um fato histórico relevante para a discussão educacional. O período imperial também foi marcado por conflitos, como a Guerra do Paraguai (1864-1870). A guerra foi

citada no enredo da obra contemporaneamente ao período de publicação. Na narrativa, Aurélia faz companhia a um general das tropas que participaram da guerra.

A formosa mulher atravessava a sala pelo braço do velho general Barão do T. que para não desmentir o seu garbo marcial, fazia naquele momento prova de um heroísmo superior ao que mostrara na última guerra do Paraguai, onde havia sido um meio *Bayard, sans peur*, mas não *sans reproche* (Alencar, 2019, p. 221).

Depreende-se que o autor almejou mostrar com essa passagem que o poder do dinheiro ultrapassa qualquer barreira. Em um período em que a mulher era silenciada, sua opinião não tinha valor; colocar a personagem em interação com um general da guerra eleva a protagonista em posição de empoderamento, assegurado por sua riqueza.

Outro conteúdo descrito e criticado pelo autor era a educação familiar centrada no casamento, destacando como as mulheres eram instruídas, desde pequenas a se prepararem para o matrimônio. Elas aprendiam a fazer prendas domésticas, a dedicar-se ao trabalho do lar, ao cuidado com os filhos e com o marido. Poucas mulheres sabiam ler e, em sua maioria, a leitura era destinada somente ao livro de rezas. A educação escolar era atributo das mulheres pertencentes à elite (Konkel; Cardoso; Hoff, 2005). Na obra, Aurélia, cumprindo mais um de seus muitos caprichos e fugindo à tradição de inculta carregada pela mulher, gostava de ler obras de literatura para ter sobre o que conversar nos jantares que oferecia aos amigos. “Pela manhã, Aurélia mandou comprar o romance, e o leu em uma sesta, ao balanço da cadeira de palha, no vão de uma janela ensombrada pelas jaqueiras cujas flores exalavam perfumes de magnólias” (Alencar, 2019, p. 210).

Diante da pluralidade de conteúdo que o autor introduz à narrativa, encontra-se o fator econômico, por conseguinte, o papel da mulher na divisão do trabalho. Na narrativa, nota-se essa situação representada na vida árdua que a mãe e as irmãs de Fernando Seixas se submetiam para o agradar. Elas trabalhavam penosamente de costureiras em casa para ajudar nos caprichos e manter o *status* do único homem do lar.

Fernando quis concorrer com seu ordenado para a despesa mensal, mas tanto a mãe, como as irmãs, recusaram. Sentiam elas ao contrário não poder reservar alguma quantia para acrescentar aos mesquinhos vencimentos, que mal chegavam para o vestuário e outras despesas do rapaz. No geral conceito, esse único filho varão devia ser o amparo da família, órfã de seu chefe natural. Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviam pelo ente querido. Seu destino resumia-se em fazê-lo feliz; não que elas pensassem isto e fossem capazes de o exprimir; mas faziam-no. Que um moço tão bonito e prendado como o seu Fernandinho se vestisse no rigor da moda e com a maior elegância; que em vez de ficar em casa aborrecido, procurasse os divertimentos e a convivência dos camaradas; que em suma fizesse sempre na sociedade a melhor figura, era para aquelas senhoras não

somente justo e natural, mas indispensável. Enquanto Fernandinho alardeava nas salas de espetáculos, elas passavam o serão na sala de jantar, em volta do candeeiro, que alumia a tarefa noturna (Alencar, 2019, p. 46).

Supomos que o autor intentou demonstrar, por meio do papel exercido por essas personagens femininas, o estado de alienação que as mulheres do século XIX enfrentavam em favor da figura masculina, devido aos costumes patriarcais, ao ponto de não desfrutarem dos prazeres da vida que lhes eram devidos por direito. Essa situação não é diferente do tempo presente, em que a maioria dos lares são providos por mulheres. Elas continuam trabalhando em jornada dupla, tanto fora quanto dentro de casa, ganhando geralmente menos e, muitas vezes, abstendo-se de gastar consigo mesmas em detrimento da família.

De acordo com Konkkel, Cardoso e Hoff (2005), a nova economia do Brasil, por influência da industrialização, trouxe, gradualmente, um novo papel para a mulher. Quando o homem não conseguia prover suficientemente o lar, ou quando viúvas ou solteiras, elas começaram a trabalhar em casa. Com isso, sobrecarregavam-se com o trabalho, os cuidados domésticos, dos filhos e do marido. Além disso, recebiam menos que os homens.

Ainda segundo Konkkel, Cardoso e Hoff (2005), a condição de vida das mulheres da elite era diferente. Segundo os autores, elas

[...] cortaram os limites da casa, freqüentando [sic], além da igreja, teatros e festas, o que aumentava os contatos sociais. Porém, a instrução das mulheres permanecia desvalorizada, uma vez que a sociedade esperava que elas fossem educadas e não instruídas. Ainda assim, no final do século XIX, expressões femininas começam a ser notadas tanto na literatura quanto em outros setores da vida pública. Rompendo a vida doméstica, integram-se à sociedade, inicialmente como professoras ou escritoras. A resistência do movimento feminista teve um papel significativo para a sociedade brasileira do século XIX (Konkkel; Cardoso; Hoff, 2005, p. 48).

José de Alencar concede direitos à protagonista inimagináveis à sua época, devido à rigidez das determinações socioculturais. Todavia, no desfecho da obra, após a devolução do valor do dote e o pedido de separação por parte de Seixas, Aurélia rende-se à posição de subordinada ao marido.

— O passado está extinto. Estes onze meses, não fomos nós que os vivemos, mas aqueles que se acabam de separar, e para sempre. Não sou mais sua mulher; o senhor já não é meu marido. Somos dois estranhos. Não é verdade? Seixas confirmou com a cabeça. — Pois bem, agora ajoelho-me eu a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor, este amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te. A moça travara das mãos de Seixas e o levava arrebatadamente ao mesmo lugar onde cerca de um ano antes ela infligira ao mancebo ajoelhado a seus pés, a cruel afronta. — Aquela que te humilhou, aqui a tens abatida, no

mesmo lugar onde ultrajou-te, nas iras de sua paixão. Aqui a tens implorando seu perdão e feliz porque te adora, como o senhor de sua alma (Alencar, 2019, p. 260).

Nesse excerto, observa-se um momento crucial entre Aurélia e Seixas. Ao se ajoelhar diante do amado, Aurélia se coloca de maneira vulnerável diante dele, revelando sua fragilidade. Esse gesto demonstra sua submissão e entrega. Assim, o autor retrata a complexidade das relações humanas, principalmente em uma sociedade que não valorizava plenamente a liberdade das mulheres. Sugere-se que o autor retrocede ao empoderamento de Aurélia ao considerar, observando o contexto cultural em que vivia, que a valorização e a autonomia da mulher eram condições sociais utópicas.

Ainda no desfecho, o autor introduz uma dúvida ao leitor. Seixas rende-se ao amor ou ao dinheiro?

— Não, Aurélia! Tua riqueza separou-nos para sempre. A moça despreendeu-se dos braços do marido, correu ao toucador, e trouxe um papel lacrado que entregou a Seixas. — O que é isto, Aurélia? — Meu testamento. Ela despedaçou o lacre e deu a ler a Seixas o papel. Era efetivamente um testamento em que ela confessava o imenso amor que tinha ao marido e o instituía seu universal herdeiro. — Eu o escrevi logo depois de nosso casamento; pensei que morresse naquela noite, disse Aurélia com um gesto sublime. Seixas contemplava-a com os olhos rasos de lágrimas. — Esta riqueza causa-te horror? Pois faz-me viver, meu Fernando. É o meio de a repelires. Se não for bastante, eu a dissiparei.

As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal (Alencar, 2019, p. 260).

Por fim, o conteúdo da HQ traz, ainda, nas páginas finais, uma breve biografia do autor, José de Alencar, e o contexto histórico no qual o escritor viveu e escreveu a obra. Descreve as personagens principais da história; realiza uma curta análise da obra original; demonstra um pequeno *making of* da criação da HQ e traz uma sucinta biografia do organizador, ilustrador e colaboradores de autoria secundária. Essas informações adicionais ajudam o leitor a ter uma visão ampliada da obra, de sua produção, conhecer melhor os autores e contribui para a formação de sentido.

O conteúdo narrativo apresentado na HQ de “Senhora” compreende um período de transição do país à modernização das relações entre dinheiro e propriedade, livres e escravos, homens e mulheres, trabalho e educação, valores e costumes. Logo, torna-se uma leitura de valor relevante às reflexões e desvelamento da sociedade, na busca por superação das adversidades advindas de uma sociedade formada por classes na qual os seus membros compartilham situações desiguais e injustas.

O conteúdo da obra retrata a sociedade brasileira e a essência humana. Carrega determinantes sociais, históricos, políticos e econômicos que existiam na época de sua cria-

ção e existem atualmente, e que alguns se modernizaram e estão de acordo com os valores e ideais atuais, outros ainda precisam ser debatidos, refletidos, melhorados e superados.

Em âmbito escolar, a leitura da adaptação para HQ de “Senhora”, cujo conteúdo-forma possui uma multiplicidade de determinantes que, ao serem analisados dialeticamente, contribuem para a compreensão do contexto cultural na qual a obra foi escrita e a intencionalidade do autor; logo, ajudam na compreensão da obra em sua totalidade. Além disso, analisada sob a perspectiva da relação do ser humano com a posse de bens e os costumes culturais, é possível fazer paralelos entre a vida em sociedade antiga e a atual, além de possibilitar uma reflexão sobre a realidade, como ela foi se modificando ao longo dos tempos, os direitos adquiridos, os ainda em luta e os retrocessos.

Portanto, a ideia de romper com ideais elitistas que perpetuam desigualdades sociais pode ser impulsionada por meio da educação. Esta desempenha um papel fundamental na promoção de uma sociedade mais justa e igualitária, cumprindo sua função quando oferece acesso equitativo e qualidade educacional para todos. A educação desafia as estruturas de poder ao promover a conscientização social e crítica, por meio do ensino de valores como direitos humanos, justiça social, diversidade e inclusão.

5 Considerações Finais

O educar por meio das histórias literárias e a formação de leitores requer um investimento na construção dos sentidos sobre os enunciados, a fim de compreender seus significados e apropriar-se deles, inicialmente mediado pelo professor e, posteriormente, com a autonomia do próprio leitor que se forma neste processo. As HQs, por conterem conteúdos abreviados e recursos visuais que ajudam na compreensão das histórias, são apreciadas pelos jovens.

Para a criação e publicação das HQs, é preciso adaptar o conteúdo à sua forma, reduzindo ou suprimindo partes do texto. Essa abreviação, muitas vezes, tira a originalidade e singularidade da obra. Porém, na adaptação para HQ de “Senhora”, o conteúdo do texto traz o enredo, a narrativa e detalhes originais da obra, fazendo com que a história não perca sua particularidade.

Sobre as categorias dialéticas conteúdo-forma, nota-se que a adaptação analisada prioriza o conteúdo literário original da obra, fato esse que corrobora para o conhecimento singular da linguagem escrita do autor e de suas ideias, possibilitando compreender a articulação da ficção com o real e, por conseguinte, da totalidade da obra. A obra mostra-se atraente ao olhar do jovem leitor, que ao ter contato com essa forma de narrativa literária talvez sinta a necessidade de ler a obra original.

A HQ adequa a forma ao conteúdo. A intenção é contribuir para a concentração do leitor nos aspectos essenciais do texto. A narrativa e as ilustrações da história refletem no imaginário do leitor ideias, concepções e valores, levando-o a formar o pensamento concreto.

Nessa orientação, o professor é um mediador quando incentiva e orienta os alunos no ato de ler. A leitura condizente com a proposta de estudo baseada nos interesses dos alunos torna a atividade repleta de sentidos, um motivador para a busca do conhecimento. Por essa razão, é importante a apresentação de obras que contemplem as vivências humanas, observando as relações de influência que elas transmitem na contemporaneidade, concomitantemente, ao trabalho pedagógico planejado intencionalmente com momentos de diálogos e reflexões.

Os sujeitos formam-se como ser social na participação em atividades de vida real, nas quais se objetivam da cultura. O movimento dialético de análise e reflexão sobre a realidade por meio da leitura auxilia o aluno a desconstruir preconceitos que ainda estão presentes em nossa sociedade, colaborando para diluir conceitos estereotipados e para a transformação social em busca de um bem comum para todos. No ato de ler, o sujeito se apropria de importantes informações e é capaz de usá-las para desenvolver a capacidade de pensar criticamente e formar sua própria opinião, a fim de não reproduzir um discurso pronto.

Perante as discussões apresentadas, observamos que a relação dialética conteúdo-forma no processo educacional desempenha uma contribuição significativa no desenvolvimento do ato de ler. Essa prática de ensino propicia aos alunos habilidades de leitura que envolvem análise e interpretação, provocando o questionamento. A leitura reflexiva e contextualizada capacita os leitores a compreenderem as ideias subjacentes apresentadas no texto, permitindo uma visão mais ampla e crítica do mundo.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia**. [2021]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar/biografia>. Acesso em: 28 jun 2021.
- ALENCAR, José de. **Senhora**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. Disponível em: https://camara-leg-br.usrfiles.com/ugd/5ca0e9_a13ff30f4d8e43589fa37fdc2501e615.pdf. Acesso em: 28 jun. 2021.
- ALENCAR, José de. **Senhora**: em quadrinhos. Franco de Rosa (Org). São Paulo: Ciranda Cultural, 2019. (Coleção Clássicos em quadrinhos).
- ASCÊNCIO, Ana Clara; LEOLINO, Angélica Augusta Damaceno; RODRIGUES, Lucas; CAMPOS-TOSCANO, Ana Lúcia. Furquim. As dimensões de Anne Frank: uma análise da transposição do gênero diário para HQ. **Revista Eletrônica de Letras** (Online), v. 14 , n. 14, edição 14, jan-dez 2021, p. 01-52. Disponível em: <https://periodicos.unifacel.com.br/index.php/rel/article/view/2164>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4411070/mod_resource/content/1/Por%20que%20ler%20os%20Cl%C3%A1ssicos%3F%20.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.
- COELHO, Nelly Novaes. A natureza da literatura infantil. In: _____. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000. p. 27-32.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf. Acesso em: 13 abr. 2022.
- DIAS, Vânia Alboneti Terra; TOMAZINI, Mariana; NASCIMENTO, Francielle Pereira; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. Conteúdo e Forma: elementos indissociáveis para a formação de leitores a partir do gênero textual “Crônica”. In: SEDU. Semana da Educação, Universidade Estadual de Londrina- UEL, 16., 2017, Londrina. **Anais** [...]. Londrina, UEL, 2017. p. 2098-2109. Tema: Educação e Dilemas Contemporâneos. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/anais/2017/sumario-anais-2017.php>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- FRANCO, Sandra Aparecida Pires; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. A Categoria Marxista Conteúdo e Forma na Leitura Literária. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n.4, p. 1972-1983, out./dez. 2017.
- GAMA, Carolina Nozella; DUARTE, Newton. Concepção de currículo em Dermeval Saviani e suas relações com a categoria marxista de liberdade. **Interface**. Comunicação Saúde Educação 2017; 21(62): 521-30. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/mZKXbDZVP4KsZkgWr9x7RTg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2021.

GAMBOA, Sílvia Sánchez. **Epistemologia da pesquisa em educação**. Universidade UNICAMP. SP: Campinas, 1998. Disponível em: <http://www.geocities.ws/grupoepisteduc/arquivos/tesegambo.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.

KONKEL, Eliane Nilsen; CARDOSO, Maria Angélica; HOFF, Sandino. A condição social e educacional das mulheres no Brasil Colonial e Imperial. **Roteiro**, Unoesc, v. 30, n. 1, p. 35-60, jan./jun. 2005. p. 35-59. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2753805>. Acesso em: 18 ago. 2021.

LEONTIEV, Alexei. O homem e a cultura. In: _____. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradutor Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Premissas da concepção materialista da história. In _____. **Obras Escolhidas** (TOMO I). Lisboa: Avante. Moscovo: Progresso, 1982, p. 08-37.

MARX, Karl. O Método da Economia Política. In: _____. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Traduções de José Carlos Bruni et al. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

MILLER, Stela; ARENA, Dagoberto Buim. A constituição dos significados e dos sentidos no desenvolvimento das atividades de estudo. **Ensino Em Re-Vista**, v.18, n.2, p.341-353, jul./dez, 2011.

MYSCZAK, Andrea Cristina Langue. **Empoderamento feminino no romance Senhora de José de Alencar**. 2018. 25 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Curitiba. 2018. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/18886/2/CT_CELLI_II_2018_06.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. Quadrinhos, Literatura e a intertextualidade. **Literartes**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 8, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9826.literartes.2018.145827. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/145827>. Acesso em: 1 jun. 2024.

SAVIANI, Demerval. O conceito dialético de mediação na Pedagogia Histórico-Crítica em intermediação com a Psicologia Histórico-Cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 26-43, jun. 2015. Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/22/Media%C3%A7%C3%A3o%20Saviani%20Germinal.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SAVIANI, Demerval. **Origem e desenvolvimento da Pedagogia Histórico-Crítica**. Mesa Redonda “Marxismo e Educação: Fundamentos Marxistas da Pedagogia Histórico-Crítica”. In: VII Colóquio Internacional Marx e Engels, 7., 2012, São Paulo: IFCH-UNICAMP, 2012. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/Demerval%20Saviani.pdf. Acesso em: 02 ago. 2021.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores associados, 2011. (Coleção Educação Contemporânea).

SILVA, Greice Ferreira da; SILVA, Bruna Leal. A literatura infantil e a formação do leitor nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões (org), et al. **Formação de leitores e a educação estética: arte e literatura**. Curitiba: CRV, 2019. p. 91-105.

Recebido em dezembro/2022 | Aprovado em setembro/2023

MINIBIOGRAFIA

Gislaine Gomes Granado Sanches

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Licenciada em Pedagogia pela mesma Universidade. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Município de Londrina-PR.

E-mail: gislainegrnado.s@gmail.com

Sandra Aparecida Pires Franco

Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina-PR. Pós-Doutorado em Educação pela UNESP de Marília-SP. Professora Associada B do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina e do Programa de Pós-Graduação em Educação – UEL.

E-mail: sandrafranco@uel.br